

Estudo de Caso – Aula Gênero e Diversidade Sexual

Provocação 1 - Reflexão sobre o papel da mulher indígena

“Foi apenas cerca de 70 anos atrás que a comunidade indígena da jovem Tsaré, teve o primeiro contato com o mundo exterior no Brasil. Antes disso, eles se mantinham no meio do cerrado. Seu pai não usava roupas quando era jovem e não falava português. Quando ele se tornou o primeiro membro indígena do Congresso no Brasil, ele levou Tsaré, sua filha mais nova, para morar com ele em Brasília, a capital. Entre 10 irmãos, ela é a única que terminou a faculdade e obteve até um mestrado. Até agora, ela escolheu não se casar e não ter filhos, pelo menos não ainda. Antes de seu pai morrer, em 2002, quando ela pediu permissão para começar a namorar, aos 15 anos, ele recusou. “Ele queria que eu estudasse mais para poder ir a qualquer lugar que eu quisesse”, lembra ela. “Ele disse que, mesmo se eu me casasse, eu deveria ser financeiramente independente.” Recentemente, no entanto, suas irmãs casadas têm insistido para que ela tenha um filho ou filha antes que seja tarde demais. Na tradição de sua comunidade poligâmica, seria aceitável ter um relacionamento com um cunhado para engravidar. **“Eles acreditam que eu tenho a responsabilidade de ter filhos, dar continuidade ao nosso povo, mas eles também percebem que eu vivo de uma maneira diferente”**, diz Tsaré.

OBJETIVOS

- 1 - Reflexão sobre o papel das mulheres indígenas no contexto atual partindo da concepção da interculturalidade;
- 2 - Conhecer os diferentes pontos de vista sobre empoderamento das mulheres indígenas.

Bibliografia

MULHERES, O. (abril de 2018). *VOZ DAS MULHERES INDÍGENAS*. Fonte: ONU

MULHERES

BRASIL:

<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2018/06/PAUTA-Mulheres-indigenas.pdf>

Ribeiro, M. F. (29 de abril de 2019). *TAB*. Fonte: UOL: <https://tab.uol.com.br/educacao/feminismo-indigena/>

Rossi, M. (09 de maio de 2019). *El País Brasil*. Fonte: El País: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/26/politica/1556294406_680039.html

Provocação 2 - Índios gays: amor e ódio na colônia

Foi em 1614 no Forte de São Luiz do Maranhão, com a ordem do missionário francês Yves D'Évreux (1577-1632), que o indígena Tibira, do povo Tupinambá foi preso, torturado e posteriormente executado, sob a justificativa de “purificar a terra do abominável pecado da sodomia”. Houve a tentativa de fuga, mas Tibira ainda foi capturado. Para não cometer o assassinato com as próprias mãos, os missionários concederam a execução ao rival de Tibira, o cacique Caruatapirã; “a execução, em praça pública, foi assistida por autoridades civis e militares da então colônia francesa, além de chefes de diversas etnias indígenas” (BERNARDO, 2019). Segundo o doutor em Antropologia, Luiz Mott, o extremismo homofóbico ocorrido passava da competência dos missionários no qual infringia o próprio Direito Canônico da Igreja Católica, pois não podiam condenar suspeitos de sodomia à morte, e que no entanto, a execução do indígena “foi totalmente arbitrária”(BERNARDO, 2019). “Os tupinambás, porém, não éramos únicos a praticar o que Yves D'Évreux chamava de ‘o mais torpe, sujo e desonesto dos pecados’. Outras etnias, como guaicurús, xambioás, nambiquaras, bororos e tikunas, só para citar algumas, também não viam problema com a homossexualidade. ‘Tal conjunto de práticas era comum em sociedades indígenas brasileiras, sem que houvesse estigma sobre essas pessoas por parte de seu

grupo', afirma o sociólogo Estevão Rafael Fernandes, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). 'Há várias fontes, inclusive, apontando para um papel espiritual desempenhado por esses indivíduos em suas aldeias. O que os missionários e colonizadores percebiam como depravação era, muitas vezes, percebido como potencial xamânico pelos indígenas'" (BERNARDO, 2019). De acordo com os escritos, Tibira é a primeira vítima de homofobia ocorrida no Brasil que se tem notícia.

Provocação 3 - Indígenas e gays: jovens contam como é ser LGBT dentro e fora das aldeias

Para Danilo, os primeiros questionamentos sobre a própria sexualidade vieram na infância, segundo ele, segundo ele "os papéis sociais cumpridos nas aldeias indígenas influenciaram positivamente na formação de homens e mulheres, mas, atualmente, estão 'carregados de preconceito'" (MARQUES, 2019). Sem ter referências e sem saber a fundo sobre o tema, Danilo afirma que até ir para o contexto urbano ele imaginava que "era o único gay do mundo. Na aldeia eu não tinha referências, a única coisa que eu tinha era contato com o preconceito diário. Aí, descobri que eu posso ser do jeito que eu quero, que não estou errado. Que o preconceito era uma questão de colonização machista e homofóbica que meu povo sofreu" (MARQUES, 2019).

Ainda em Brasília, distante da maioria dessas comunidades, a antropóloga Braulina Aurora, da etnia Baniwa, compartilha da mesma visão do jovem Tupinikim. Para a pesquisadora indígena, a ideia de pecado nas relações homoafetivas é 'herança das igrejas, pois, as práticas sempre existiram entre os indígenas', afirma" (MARQUES, 2019).

A forma de como abordam essas questões, dependem do povo, da localidade e do quanto o povo sofreu com o processo de colonização, pois "em cada local, a

homossexualidade é vista de uma forma – o entendimento varia do ‘natural’ ao ‘tabu’” (MARQUES, 2019). “Na aldeia do jovem Samuel Luz, de 20 anos, a sexualidade não é um assunto que costuma ser debatido entre os indígenas da comunidade, no interior do Maranhão. Ainda assim, ele considera que as pessoas de lá são ‘mais abertas às relações homoafetivas’. O estudante diz que sempre teve clareza sobre a própria sexualidade, e lembra que não foi difícil entender quem era – ‘mas minha realidade não se aplica a de todos’, pondera. Na convivência entre os familiares, ele diz que as tradições indígenas mais originárias – como a ‘naturalização da nudez, do corpo e da sexualidade’ – se perderam com o tempo, mas ‘nunca foram demonizadas, como em outras culturas’. ‘Perdemos muito com as chegadas das igrejas. O relacionamento com pessoas do mesmo sexo foi sendo silenciado por quem disse que era errado’” (MARQUES, 2019).

OBJETIVOS

- 1 - Apresentar aos alunos e debater a questão da sexualidade no contexto indígena.
- 2 - Refletir sobre a existência da diversidade sexual dentro das comunidades indígenas bem como era abordado anteriormente e de passou a ser abordado essa temática pós-colonização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNARDO, André. Índios gays: amor e ódio na colônia. Aventuras na História. [s.l.]: 24 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-indios-gays-amor-e-odio-na-colonia.phtml>>. Acesso em: 16 de set. de 2019.

MARQUES, Marília. Indígenas e gays: jovens contam como é ser LGBT dentro e

fora das aldeias. G1 DF. Brasília, DF: 19 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/01/19/indigenas-e-gays-jovens-conta-mcomo-e-ser-lgbt-dentro-e-fora-das-aldeias.ghtml>>. Acesso em: 16 de set. de 2019.